

## **FLONINHA E SUA TURMA: PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DO TEATRO DE FANTOCHES**

### **FLONINHA AND HER GANG: PROPOSAL FOR ENVIRONMENTAL EDUCATION THROUGH PUPPETS THEATER**

### **FLONINHA Y SU PANDILLA: PROPUESTA DE EDUCACIÓN AMBIENTAL DESDE EL TEATRO DE MARIONETAS**

*Tamiris Regina Ribeiro Souza de Souza*<sup>1</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

*Thallyta Kobayashi Lameu*<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

*Karine Bueno Vargas*<sup>3</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** A representação da arte através de fantoches é uma forma de expressão cultural e artística, que muito pode contribuir com a Educação Ambiental, sendo a ponte de interlocução entre o educador e o educando. A história de *Floninha e sua turma* (2019) teve seus personagens inspirados pela fauna e flora presentes na Unidade de Conservação Flona Mário Xavier/ICMBio, situada no município de Seropédica/RJ, e os problemas ambientais presentes na unidade foram transformados em personagens vilãs, sendo possível apresentar o contexto da paisagem e os impactos ambientais ali presentes.

**Palavras-Chaves:** Educação Ambiental; Unidade de Conservação; Teatro de Fantoches.

**Abstract:** The art representation through puppets is a cultural and artistic form of expression, which can greatly contribute to Environmental Education, being a bridge of dialogue between the educator and the student. The *Floninha and her gang* (2019) story has its characters inspired by the fauna and flora present in the Flona Mário Xavier/ICMBio Conservation Unit, located in Seropédica/RJ, and the environmental problems present in the unit were transformed into villain characters, making it possible to represent the landscape and the environmental context impacts present there.

**Key-Words:** Environmental Education; Conservation Unit ; Puppet Theater.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, discente do curso de Geografia, E-mail: tamssouza06@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, discente do curso de Geografia, E-mail: lameu.thallyta@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, docente do Departamento de Geografia, E-mail: karinevargas@gmail.com

**Resumen:** La representación del arte a través de marionetas es una forma de expresión cultural y artística, la cual mucho puede contribuir con la Educación Ambiental, siendo el puente de interlocución entre el educador y el educando. La historia de *Floninha y su pandilla* (2019) tuvieron sus personajes inspirados por la fauna y flora presentes en la Unidad de Conservación Flona Mário Xavier/ICMBio, ubicada en el municipio de Seropédica / RJ, y los problemas ambientales presentes en la unidad fueron transformados en personajes villanos, lo que permitió presentar el contexto del paisaje y los impactos ambientales allí presentes.

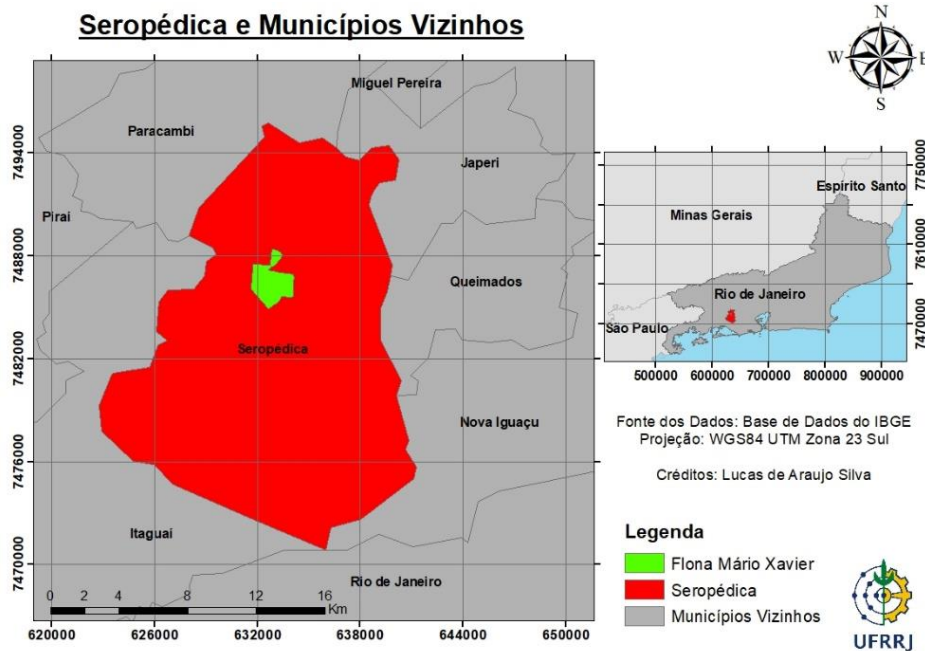
**Palabras clave:** Educación Ambiental; Unidad de Conservación; Teatro de Marionetas.

## 1. INTRODUÇÃO

O lugar de inspiração para o presente trabalho é a Floresta Nacional Mário Xavier (Flona MX), uma Unidade de Conservação (UC) de uso sustentável, localizada no município de Seropédica, situada na Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A Flona MX é gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), sendo um espaço público de grande potencial, abrangendo uma área de 493 hectares, inserida em um município de “carências de infraestrutura e [a] falta de ordenação do território, ausência de praças e parques, [a] falta de saneamento e coleta de lixo, refletindo um crescimento sem preocupação com o planejamento, o meio ambiente e a qualidade de vida de seus habitantes” (VARGAS *et al.*, 2019, p. 118) que, conseqüentemente, demonstra problemas constantes dentro e fora desta Unidade de Conservação.

Acrescido a estes fatores, a ausência de uma zona de amortecimento ao entorno da unidade, representa um dos grandes desafios de manutenção da biodiversidade, devido ao efeito de borda que a área sofre, ou seja, tudo que está ao seu entorno acaba por afetar direta ou indiretamente a área. Os principais conflitos na Flona MX são decorrentes de crimes ambientais, tais como: queimadas, uso da área para pastagem de gado, corte/roubo de madeira e a contaminação do Valão do Drago (córrego que corta a Flona MX), o qual recebe efluentes (esgoto) sem tratamento de condomínios populares e residências adjacentes à unidade.

**Figura 1 - Seropédica e Municípios Vizinhos**



Fonte: Oliveira *et al.* (2018)

A Flona MX abriga muitas espécies vegetais e animais, destacam-se a presença de duas espécies endêmicas, ou seja, espécies que são encontradas somente em determinada região geográfica: o peixe anual da espécie *Notholebia minimus*, existente apenas no estado do Rio de Janeiro, popularmente conhecido como peixe das nuvens e uma rã da espécie *Physalaemus soaresi*, existente apenas na área da Flona MX, a qual é descrita como rãzinha, mas busca-se popularizar seu nome como Floninha, para dar maior identidade e visibilidade para a conservação desta espécie.

A presença da espécie *Physalaemus soaresi* na Flona MX foi responsável por parar a construção do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro (BR 493), obra do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), em 2009/2010, por quase um ano, já que um dos pontos em que ela estava presente dentro da UC, fazia parte do traçado original da rodovia. Mesmo diante da luta de ambientalistas e da comunidade seropedicense para que ocorresse um desvio na construção desse empreendimento, a rodovia foi construída, tendo apenas algumas restrições ambientais e mudanças no traçado. Sendo verificado novamente que interesses do capital sobressaíram-se sobre a conservação da natureza.

**Figura 2 – A Floninha foi destaque em vários jornais de grande circulação nacional**

**ESTADÃO** Economia & Negócios

**Rã de 2 cm interrompe obra do PAC no Rio**

Uma pequena rã, que mede só 2 centímetros quando adulta, paralisou, desde o dia 24, um trecho de 4 quilômetros do arco rodoviário metropolitano do Rio de Janeiro, obra do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A obra que terá uma extensão total de 145 quilômetros e orçamento de quase R\$ 1 bilhão. Esse lote - batizado de 3 e que tem extensão total de 70,9 quilômetros - está localizado no município de Seropédica, na Baixada Fluminense, a cerca de uma hora de carro do centro do Rio.

ALBERTO KOMATSU, Agencia Estado  
04 de outubro de 2009 | OPN58

DESTAQUES EM ECONOMIA

Fonte: KOMATSU (2009, s/p.)

Todavia, a importância dessa Unidade de Conservação para a biodiversidade é de conhecimento de poucos, já que muitos moradores do município desconhecem a existência do local, nunca o visitaram ou, até mesmo, não sabem a função de áreas vegetadas para a conservação ambiental, bem como a importância da vegetação urbana para uma melhor qualidade de vida, sendo de extrema importância a implementação de programas/projetos de Educação Ambiental que atendam a comunidade seropedicense.

De acordo com Vargas *et al.*, (2019), os benefícios da arborização urbana e dos espaços verdes nas cidades são inúmeros, podendo-se destacar a neutralização dos poluentes, resultando melhoras significativas na qualidade do ar, o sombreamento, fornecendo maior frescor ao ambiente, a redução da poluição sonora, a diminuição da velocidade do vento, o equilíbrio no balanço hídrico, controle da erosão dos solos e no leito dos rios, dentre muitos outros. Vale salientar que os sistemas naturais são interligados e a diminuição da vegetação é proporcional a diminuição da fauna.

Logo, fica evidente a importância da Flona para o município e para seus moradores, tendo em vista a necessidade de áreas verdes em um contexto periurbano em desenvolvimento. Além de ser um ótimo espaço de convívio para lazer e prática de exercícios físicos, esse local é capaz de prover qualidade de vida, exercendo funções ecológicas, estéticas e psicológicas na vida dos habitantes de Seropédica, mostrando-se necessária essa aproximação da comunidade com o meio ambiente. Segundo Souza (2017), ao mesmo tempo em que a Flona MX se localiza tão próxima ao centro de Seropédica e à sede da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), os moradores não possuem uma identidade sociocultural e ambiental com essa Unidade de

Conservação, havendo pouco uso e muitas problemáticas envolvendo a relação dos atores que ali frequentam e moram próximo desse espaço.

Diante a problemática desta área, surge em 2018, o projeto de extensão “Guarda Compartilhada Flona Mário Xavier com a população de Seropédica – RJ: Biogeografia e Educação Ambiental aproximando Sociedade e Natureza”, o qual atualmente transformou-se em um programa de extensão diante o grande número de ações realizadas, possibilitando a ampliação de ensino, pesquisa e extensão. A Guarda Compartilhada tem como intuito sensibilizar a população e dar visibilidade à importância da Flona MX, incentivando seu uso sustentável e levando conhecimento científico e popular aos moradores de Seropédica, pois acredita-se que para conservar é importante conhecer.

Além disso, o programa integra os estudantes da UFRRJ a participarem, como voluntários ou estagiários, aproximando-os dos funcionários da Flona MX e dos moradores de Seropédica participantes das ações realizadas. Semanalmente, desde outubro de 2018, o projeto atende escolas públicas do ensino fundamental II e do ensino médio do município, promovendo Educação Ambiental, através de palestras, visitas guiadas e monitoradas sobretudo por discentes do curso de Geografia da UFRRJ na Trilha do Triângulo, sendo abordados os aspectos biogeográficos da paisagem, ou seja, aspectos de interesse ambiental, como a origem das plantas, seus usos, a importância da serapilheira, impactos ambientais, espécies endêmicas e outros mais.

Visto a faixa etária dos estudantes do município atendidos pelo projeto, notou-se a ausência de crianças, que cursam o ensino fundamental I, o que fomentou a ideia da escrita de um livro infantil que retratasse, de forma lúdica e interativa, o poder e a força daqueles que atuaram, na vida real, como super-heróis da Flona MX: *Physalaemus soaresi* e *Notholebia minimus*, respectiva e ficcionalmente, “Floninha”, a rãzinha, e “Pirá”, o peixe das nuvens. A ideia do livro saiu do papel na forma de um teatro de fantoches intitulado *Salve a biodiversidade!*, o qual foi apresentado, pela primeira vez, durante a I Semana da Biodiversidade da UFRRJ – realizada em maio de 2019. Contudo, mantém-se firme a pretensão de que, futuramente, a ideia de um livro para o público infantil seja concretizada, tendo em mente que Piaget (1997, *apud* BALDIN *et al.*, 2010), em muitos de seus escritos, cita a importância de práticas lúdicas com crianças, reafirmando que esse processo é válido quando bem aplicado, pois, além do lazer, o lúdico é um método de desenvolvimento intelectual.

Para Montenegro (2005, *apud* BALDIN *et al.*, 2010) o teatro, por sua forma de "fazer coletivo" possibilita o desenvolvimento pessoal não apenas no campo da educação não formal, mas permite ampliar, entre outras coisas, o senso crítico e o exercício da cidadania, com isso, o uso de fantoches se aproximando de outras linguagens, teve como intenção trabalhar a questão ambiental de forma leve e descontraída, porém com um olhar crítico para a realidade, unindo o imaginário e o real, como forma de auxiliar o desenvolvimento de pensamentos ambientais responsáveis, bem como proporcionando abordagens que podem ser trabalhadas após a apresentação em sala de aula pelos professores, como também em ações de Educação Ambiental não formal.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo a Lei nº 9.795/99 (Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA):

Entendem-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Nesse contexto, o maior campo de atuação para se trabalhar a Educação Ambiental é a escola, pois ela é um núcleo de pensamento livre, autônomo e crítico. Onde é possível cultivar com o estudante, desde a infância, uma consciência crítica sobre os problemas do ambiente em que vive e auxiliá-lo a criar uma educação preocupada com o coletivo, formando pessoas com responsabilidade ambiental, mais que isso, com responsabilidade social, pois cuidar do meio em que se vive é pensar na sociedade.

Ainda no PNEA (BRASIL, 1999), o artigo 2º diz que: “a Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal”, tendo em vista que a questão ambiental deve ser trabalhada de forma ampla e interdisciplinar, não sendo uma disciplina específica. Porém, é válido lembrar que entre 2017 e 2018 o governo federal propôs uma renovação no currículo escolar, de modo a implantar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual a Educação Ambiental não está descrita de maneira explícita. O que dificulta a apresentação

do tema dentro da escola, sendo um dos papéis do Programa Guarda Compartilhada levantar essa questão.

A Guarda Compartilhada pertence ao Departamento de Geografia da UFRRJ e a maior parte dos voluntários do programa são alunos do curso. No entanto, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), o curso de Geografia não é habilitado a trabalhar com o ensino formal do fundamental I, sendo o teatro de fantoches o resultado da tentativa de trazer a questão ambiental tendo como tema a Flona MX de Seropédica para o público infantil, já que as atividades do programa são voltadas para o ensino fundamental II e ensino médio.

A Geografia com seu caráter imagético é capaz de produzir uma linguagem de formato mais amplo para a comunicação e reconhecimento do processo de ensino-aprendizagem, embasando a produção do teatro de fantoches a um linguajar de fácil interpretação. Pois o recurso imagético permite trabalhar a questão ambiental, fazendo uma relação entre o mundo real e a interpretação pessoal, em que o visual pode captar significados que dificilmente se deixariam representar de outras maneiras. De acordo com Galvão (1996, p. 18, *apud* BALDIN *et al.*, 2010, p.3), “as crianças parecem receber bem melhor e armazenar com mais facilidade as imagens quando são apresentadas através de algo que as encante emocionalmente como é o caso do Teatro de Bonecos”.

Ao abordar uma atividade lúdica como recurso didático, que é o caso do teatro de fantoches, nota-se como a arte tem um papel relevante para complementar o ensino, uma vez que ela cria tendências individuais, estimula a inteligência e contribui para a formação da personalidade do aluno, além de possibilitar o acesso a outras realidades e visões de mundo. Logo, faz-se importante a inserção de atividades que desenvolvam o gosto pelas artes desde cedo, como uma parte importante para o cenário intelectual do indivíduo.

Analisando a questão do teatro de fantoches, enquanto Arte, a partir da perspectiva da ciência geográfica, percebe-se que, por ambos trabalharem de forma visual, tal diálogo se faz necessário. Sendo possível, através dessa junção – Arte e Ciência –, abordar novas formas de analisar a paisagem e as transformações no espaço geográfico, como já observado por Martins (2017, p. 98): “a Geografia, nos últimos anos, vem se utilizando das artes, do cinema e da literatura como instrumento de análise do espaço geográfico” servindo para tornar o ensino mais interessante e significativo.

Sendo assim, Soares (2013, p. 66) acrescenta que:

A Geografia deve incentivar o aluno a ler o mundo com olhar observador, desafiado e desafiador, buscando uma leitura plural da realidade para que se amplie o horizonte de conhecimento e análise do observador-leitor. Nesta perspectiva, o teatro surge como um aliado na busca por olhares diferentes sobre a realidade. Propõe uma abertura para a espontaneidade; a criatividade e o trabalho coletivo. Um ensino, no qual os alunos atuem como agentes de seu conhecimento, com autonomia e liberdade, e os professores mediem, coordenem e direcionem as ações a serem realizadas.

Entrelaçar a Educação Ambiental com a Geografia e a Arte é valorizar a sensibilidade de uma leitura de mundo a partir de um ponto de vista ambiental, na qual a aprendizagem é mediadora da construção social de novas sensibilidades. Assim, conforme defendido por Oliveira (2007), a interpretação do mundo ou os sentidos para a vida não resultarão em ideias fossilizadas e fechadas, mas sim haverá abertura para novas aprendizagens. É levantar dimensões críticas da realidade, permitindo aos alunos atuarem na sua transformação de vida e dos lugares que se fazem presentes.

O teatro de fantoches, ao mesmo tempo que diverte, ensina, sendo uma ótima forma de prender a atenção de seu público. De acordo com Milaré (1994), apresentar as questões ambientais e problemáticas vivenciadas dentro da Unidade de Conservação nessa história é levantar as possibilidades da “Arte-Educação” mostrando os instrumentos ricos na reflexão sobre o cotidiano das pessoas e dos problemas ambientais, acrescentando uma reflexão artística sobre a realidade que, transformando-se, afeta o viver nas nossas cidades e cuja superação, mais do que soluções técnicas, sugere a construção de um novo convívio com nosso ambiente natural e humano.

Dessa forma, as crianças desenvolvem conceitos básicos para uma melhor compreensão, percepção e atuação no meio ambiente, ao mesmo tempo que são entretidas em uma atividade lúdica, na qual cria-se um gosto pelas artes, pela literatura e pela música. Desenvolvendo sujeitos críticos e atuantes, capazes de construir interpretações, entendimentos e protagonismo na realidade vivida.

### **3. A CONSTRUÇÃO DO TEATRO: CONFECÇÃO DO ROTEIRO E DOS FANTOCHES**



A construção do roteiro *Salve a Biodiversidade!*, pensado sobre o viés da Educação Ambiental e da realidade da Flona MX, deu-se de forma coletiva entre os integrantes do programa de extensão Guarda Compartilhada, sendo necessária a participação de oito voluntários para representarem os personagens no teatro de fantoches. A temática do roteiro produzido buscou apresentar às crianças a Flona MX, sua biodiversidade e suas problemáticas de forma a inspirá-las na luta pela conservação da natureza e justiça ambiental.

O roteiro foi construído no formato de uma história de super-heróis, tendo como heroínas as espécies da fauna e flora presentes na Flona MX e, como vilões, os problemas ambientais corriqueiros na Unidade de Conservação e em seu entorno.

Por meio de uma linguagem coloquial e de fácil assimilação e realizando atividades cotidianas e que representam características socioculturais do local de origem dos personagens, como meditar e jogar capoeira, os heróis se apresentam, ao longo do teatro como membros da Guarda Compartilhada. Sendo eles: Floninha, a rãzinha (*Physalaemus soaresi*); Pirá, o peixe das nuvens (*Notholebia minimus*); Jaque, a Jaqueira (*Artocarpus heterophyllus*); Paulo, o Pau Brasil (*Paubrasilia echinata*); a formiga Xavier (esta não é classificada por família) e Seu Alberto, o Abricó de Macaco (*Couropita guianensis*) – que é apenas citado na história. Os vilões são: Queimada; Poluição (esgoto) e Lixo (resíduos sólidos).

**Figura 3 – Algumas personagens do teatro *Salve a Biodiversidade!* (da esquerda para a direita: Formiga Xavier; Jaque, a Jaqueira; Floninha, a rãzinha e Paulo, o Pau Brasil)**



Foto: Naionminy Belizário Moura (2019)

Ao longo do teatro, os personagens contam sobre a história da Unidade de Conservação, apresentam conceitos biogeográficos – como fauna, flora, endemismo e Educação Ambiental –, travam duas batalhas contra os vilões da Flona (uma contra a Queimada e outra contra a Poluição e o Lixo) e convidam a plateia a integrar a Guarda Compartilhada, que possui esse nome para trazer a ideia de responsabilidade coletiva à comunidade, pois preservar o meio ambiente é uma responsabilidade de todos e, assim, todos podem ser guardiões da natureza.

Os personagens foram confeccionados a partir de materiais reutilizados e com longa vida útil, como papel celofane, garrafa plástica e diversos tecidos como TNT e feltro, visando a obtenção de fantoches sustentáveis. Optou-se por utilizar um cenário simples, de baixo custo e fácil montagem e transporte, sendo utilizado um tecido estampado com folhas, e outros dois tecidos do tipo TNT verde e marrom, representando cores da natureza, o solo e a vegetação.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A primeira apresentação do roteiro *Salve a Biodiversidade!* ocorreu em maio de 2019, durante a I Semana da Biodiversidade – evento organizado pelo programa de extensão *Guarda Compartilhada*, que ocorreu na Flona MX e na UFRRJ –, o qual recebeu moradores de Seropédica, pesquisadores e estudantes de diversos graus de escolaridade, tendo um total de 250 inscritos/participantes. A programação do evento foi ampla, composta por rodas de conversa, oficinas, caminhadas sensoriais, minicursos, palestras e atividades culturais. Todas as atividades tinham função educacional, sendo assim, também foi o teatro de fantoches voltado para o público infantil, que tem como essência “o ser humano que se auto-observa” (BOAL, 2000, *apud* REZENDE; MAGALHÃES, 2013, p. 4) e que, de acordo com Guerra, Gusmão e Sibrão (2004), vem sendo utilizado não apenas como espetáculo de lazer e entretenimento, mas como estratégia educacional lúdica.

**Figura 4 – Personagens do teatro *Salve a Biodiversidade!* (da esquerda para a direita: Jaque, a Jaqueira; Floninha e Pirá), durante a apresentação**



Foto: Leonardo Almeida (2019)

A segunda apresentação do teatro de fantoches se deu na comemoração dos 33 anos da Flona MX, em outubro de 2019. Assim como durante a primeira apresentação, a faixa etária dos participantes do evento foi bastante diversificada, com a presença desde crianças a idosos, atendendo a pretensão inicial da construção do roteiro do teatro de fantoches, que era tratar da questão ambiental com crianças de uma forma divertida, realizando uma atividade de Educação Ambiental informal, que, conforme Guimarães (2003, *apud* BALDIN *et al*, 2010, p.1), tem o importante papel de introduzir a percepção ambiental para o ser humano e sua integração com o meio ambiente.

**Figura 5 – Personagens do teatro *Salve a Biodiversidade!* (da esquerda para a direita: Paulo, o Pau Brasil; Lixo e Poluição), durante a apresentação**



Foto: Leonardo Almeida (2019).

Um detalhe ao qual, durante a construção do roteiro se atentou, foi o de que os personagens que representassem as problemáticas ambientais fossem impersonificados, não possuindo assim um tipo humano específico, já que, assim como todo ser humano, as crianças são educadas pelas imagens (COSTA *et al.*, 2003, p. 57, *apud* MAGALHÃES; VIEIRA; SCHLEE, 2014) e, sendo o teatro ambientado em um local de sua vivência e retratando problemas reais, a associação do personagem a alguém de seu convívio poderia causar uma responsabilização indevida. Contudo, concomitantemente, buscou-se ambientar o teatro no cotidiano como forma de aproximação das crianças à Educação Ambiental e às questões abordadas.

De acordo com Medeiros *et al.* (2008, *apud* REZENDE; MAGALHÃES, 2013, p.2), a Educação Ambiental baseada no interesse e nas representações que os indivíduos têm do ambiente, permite o acesso ao saber mais voltado para observação, investigação, discussão e ação dos problemas do nosso tempo, além de facilitar ao aprendente uma relação dialógica com o conhecimento adquirido. Para Guerra, Gusmão e Sibrão (2004, p. 8), o teatro de fantoches envolve o espectador pelos seus cinco sentidos físicos e pelo lado emocional, permitindo que toda a atenção seja concentrada no palco e no teatro, sendo assim, também na diversão e no aprendizado.

A partir de tais referências e da aplicação da prática de Educação Ambiental utilizando os fantoches como interlocutores da conscientização ambiental, verifica-se que o uso da arte, associado a outros saberes muito pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, sobretudo do público infantil.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro de fantoches apresentou um grande potencial de sensibilização socioambiental, o que pôde ser observado nos silêncios atentos e nas interações efusivas das crianças da plateia, durante as duas apresentações do roteiro *Salve a Biodiversidade!*.

Pretendemos ampliar a ideia, apresentando-a nas escolas públicas do ensino fundamental I do município de Seropédica algumas vezes ao ano, sobretudo em datas comemorativas ambientais. Temos também o intento de, em um futuro próximo, transformar a história em um livro infantil, amplificando o alcance do debate acerca da

história da Flona MX, sua biodiversidade e suas problemáticas, a fim de integrar os moradores e os incentivarem a valorizar o ambiente que os cerca. Pois Santos (2006) lembra que: quando o ser humano se depara com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece e a memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação.

## 6. REFERÊNCIAS

BALDIN, N.; DALRI, S. A.; HOFFMANN J. F.; DESORDI D. A. C.; MENDONÇA, F. P.; MANNES, M. Teatro de Fantoques e Educação Ambiental: A importância pedagógica dessa relação. *Revista Educação Ambiental em Ação*, n. 34, dez. 2010 (digital). Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=959>. Acesso em: 19 ago. 2020.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 126.

BRASIL. *Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm). Acesso em: 19 ago. 2020.

GUERRA, R. A. T.; GUSMÃO, C. R.C.; SIBRÃO, E. R. Teatro de Fantoques: uma estratégia em Educação Ambiental. In: *Global Trends on Environmental Education*. AZEITEIRO, U. M.; PEREIRA, M. J.; LEAL-FILHO, W.; CAEIRO, S.; BACELAR-NICOLAU, P.; MORGADO, F.; GONÇALVES, F. (Eds). *Discursos*. Universidade Aberta, Lisboa, nº especial, p. 361-375. 2004.

KOMATSU, A. Rã de 2 cm interrompe obra de PAC no Rio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 04 out.2019. *Economia & Negócios*. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,ra-de-2-cm-interrompe-obra-do-pac-no-rio,445646>. Acesso em: 04 jan. 2020.

MAGALHÃES, C. S.; VIEIRA, V. T.; SCHLEE, R. L. As Lições Sobre Educação Ambiental nos Livros de Literatura Infantil – Ensinando Modos de Cuidar do Planeta. CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 18 a 20 de setembro de 2014. *Anais...* Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/6935>. Acesso em: 19 ago. 2020.

MARTINS, D. H. O diálogo entre Geografia e a arte: aproximações possíveis a partir de um categórico geográfico. *Revista Espaço Acadêmico*, nº. 192, p. 97-108, maio/2017.

MILARÉ, É. *Fantoques e Outras Histórias*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente do Governo do Estado de São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, W. C. de. *A contribuição da Geografia para a Educação Ambiental: As Relações Entre a Sociedade e a Natureza no Distrito Federal*. 2007. Dissertação

(Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade de Brasília, 2007.

OLIVEIRA, A. R. A.; RODRIGUES, J. V. DA R.; SILVA, ARAÚJO, L.; DAYUBE, T. A.; FERREIRA, M. S. G. F.; MOREIRA, L. O.; VARGAS, K. B. O uso do aplicativo Vicon Saga na criação de roteiro biogeográfico na trilha Jibóia/trilha do valão do drago na Floresta Nacional Mário Xavier – Seropédica – RJ. In: *IV Jornada de Geotecnologias (JGEOTEC)*, Seropédica, 2018.

REZENDE, I. M. N. de; MAGALHÃES, K. M. Teatro de Fantoches: Uma Ferramenta em Educação Ambiental. *Revista Educação Ambiental em Ação*, n. 44, jun./ago. 2013. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1518>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 2 reimpr. São Paulo: Edusp, 2006.

SOARES, L. M. de S. Teatralizando o Ensino de Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*. Campinas-SP, v.3, n.5, p. 57-81, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/56>. Acesso em: 26 mar. 2020.

SOUZA, R. L. N. *Restauração da Mata Atlântica: potencialidades, fragilidades, e os conflitos ambientais na floresta nacional Mário Xavier, Seropédica/RJ*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

VARGAS, K. B.; FARIAS, H.; SAMPAIO, A. C.; BARROS, R. C.; SOUZA, R. L. N. *A Floresta Nacional Mario Xavier como espaço livre de uso público no município de Seropédica-RJ*. 1º Edição. Tupã: Editora: ANAP, 2019, p. 115-133.

Recebido em 30/03/2020.

Aceito em 05/09/2020.

Publicado em 15/10/2020.